

***DO CAOS AO COSMOS: A RECRIAÇÃO DOS MITOS EM SOPHIA DE MELLO
BREYNER ANDRESEN***

(in *Revisitar o Mito*, Lisboa, Edições Húmus, 2015, (ISBN : 978-989-755-112-3)
p.307-316.

**HELENA MALHEIRO
(UNIVERSIDADE ABERTA E CLEPUL)**

A obra de Sophia é a exaltação permanente da cultura grega e da antiguidade clássica, através da procura de um tempo mítico primordial em que a integridade incólume do Ser se confundia com a claridade dos deuses. Não nos encontramos, contudo, perante uma explicação ou uma encenação fiel e verídica dos mitos, mas sim diante de uma mitologia muito pessoal em que Sophia se apropria de algumas temáticas míticas para as reinventar de forma singular, refundindo-as dentro de si para nos conduzir à sua poesia genesiaca de restabelecimento da unidade inicial perdida e da “inteireza do visível”¹.

A procura de um tempo puro, antigo e primordial é a resposta de Sophia a um presente dividido, um tempo fragmentado contra o qual se revolta na sua demanda da inteireza do Ser. Este tempo puro é o tempo do começo dos começos, é a afirmação da atemporalidade de uma essência eterna do universo.

O tempo de Sophia é pois um tempo cíclico que incessantemente se replica e se apura até na circularidade dos próprios textos para nos conduzir do Caos ao Cosmos através de uma mitologia “interiorizada” e recriada, num eterno retorno que representa o regresso às origens e à aliança primordial.

No princípio era o Caos, o mundo sombrio e indiferenciado de antes da Criação, quando “a terra era informe e vazia” e “as trevas cobriam o abismo”... (Génese 1.2, 2) Ora, para Sophia: “na Grécia o caos, o abismo, é a origem das coisas. Insondável e anterior a tudo, o caos é a realidade primeira. [...] o caos é o abismo do qual se emerge” (NAC, 24).

Através do acto divino da criação, o Caos transforma-se em Cosmos, instalando um tempo puro, em perfeita harmonia com o Universo:

:

Eu vos direi a praia onde luzia
A primitiva manhã da criação
(OP III, 267)

O abismo do Nada transforma-se assim na plenitude da criação, Cosmos infinito que irradia desta claridade desmedida. Para a autora, o seu centro será a praia, o altar, o templo, a casa, o palácio ou a cidade esperada. A “primitiva manhã” será assim repetida, ritualizada uma infinidade de vezes na sua obra para reafirmar a

¹ Esta comunicação retoma a investigação da nossa Tese de Doutoramento, publicada com o título *O Enigma de Sophia: da Sombra à Claridade*.

abolição do tempo e a conquista da eternidade. A este propósito recordemos as palavras de Mircea Eliade (Le Sacré et le Profane, 61-62):

Tout monde est l'oeuvre des dieux, car il a été soit créé directement par les dieux, soit consacré et donc «cosmisé», par les hommes en réactualisant rituellement l'acte exemplaire de la Création. En d'autres termes, l'homme religieux ne peut vivre que dans un monde sacré, parce que seul un tel monde participe à l'être, *existe réellement*. [...]

C'est l'expérience du Temps sacré qui permettra à l'homme religieux de retrouver périodiquement le Cosmos tel qu'il était *in principio*, dans l'instant mythique de la Création.

A eternidade do mito ultrapassa deste modo um presente caótico e efémero. Através da ritualização, o tempo mítico primordial é reatualizado em permanência, tornando-se deste modo atemporal. No poema intitulado justamente “Inicial”, a nomeação dos elementos conduz a um tempo genesáco que confirma o eterno retorno:

O mar azul e branco e as luzidias
Pedras – O arfado espaço
Onde o que está lavado se relava
Para o rito do espanto e do começo
Onde sou a mim mesma devolvida
Em sal espuma e concha regressada
À praia inicial da minha vida.
(OP III, 134)

E no belíssimo poema em prosa “Ingrina”, a poetisa é um demiurgo que recria o seu “reino” através da nomeação encantatória dos elementos que fazem parte daquilo a que chamou o “espantoso esplendor do mundo”. Eis o tempo da “omnipotência do sol” em que é o poder da palavra escrita, gravada na areia e nos elementos que lhe permite recomeçar o mundo:

A omnipotência do sol rege a minha vida enquanto **me recomeço** em cada coisa
[...]É esse o tempo a que regresso no perfume do orégão, no grito da cigarra, na
omnipotência do sol. Os meus passos escutam o chão enquanto a alegria do encontro me
desaltera e sacia. O meu reino é meu como um vestido que me serve. E sobre a areia sobre
a cal e sobre a pedra escrevo: nesta manhã eu **recomeço** o mundo.
(OP III, 11)

Porém, o tempo cíclico de Sophia é muito diferente do eterno retorno nietzschiano. Se Nietzsche mata Deus para chegar ao super-homem, para Sophia, o tempo cíclico e o eterno retorno são, pelo contrário, o “permanente regresso a um passado inicial e *iniciático* que é devolução às origens e acima de tudo reencontro com a harmonia primordial ditada por uma mitologia muito pessoal onde reina o espírito dos deuses sob a égide do Criador” (Malheiro, “O Enigma de Sophia”, 150-151).

A paixão de Sophia pela harmonia e pela cultura clássicas, longe de nos trazer uma narração fiel das temáticas míticas, conduz-nos antes a uma mitologia única e pessoal em que Sophia *interioriza* e recria os mitos à sua maneira, tornando-os portadores de sentidos novos que ecoam desmedidamente na sua poesia do espanto.

Observemos em que medida a poetisa se apropria destas temáticas, refundindo-as a seu modo, para lhes conferir um papel fundamental no restabelecimento do encontro com Real e com a “inteireza do visível”. A este propósito recordemos as palavras proferidas em Julho de 1964, ao receber o Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores (OP I, 7):

Em Homero reconheci essa felicidade nua e inteira, esse esplendor da presença das coisas.

Num artigo póstumo sobre a Grécia, Sophia afirmará de novo que a poesia homérica é origem de uma “indizível felicidade” (Público, 10-7-2004). E como não recordar que foi Homero simultaneamente o tema e o título de um dos mais belos contos da autora, incluído nos já canónicos *Contos Exemplares*, Homero/Búzio que no altar da praia restabelece a aliança fundamental com o mundo originário, Homero que para Sophia cristaliza a Poesia?

No começo dos começos, a pureza e a integridade perene do Ser brilhava como os deuses na paisagem:

Nasceram como um fruto, da paisagem.
A brisa dos jardins, a luz do mar,
O branco das espumas e o luar
Extasiados estão na sua imagem.
(OP I,100)

Esta fusão do sujeito com o universo que já observámos em “Ingrina” reúne o ser e o mundo em toda a obra de Sophia, mais concretamente no poema “A Flauta”, exemplo de perfeição em que a palavra poética se torna elo com a natureza e eco do infinito segredo de um reino escondido por trás dos elementos:

No canto do quarto a sombra tocou sua pequena flauta
Foi então que me lembrei de cisternas e medusas
E do brilho mortal da praia nua

Estava o anel da noite solenemente posto no meu dedo
E a navegação do silêncio continuou sua viagem antiquíssima
(OPIII, 47)

Eis a “viagem antiquíssima” de Sophia rumo às origens, a procura de um “reino” onde a “existência cintilante dos deuses” conduz ao “estar-ser-inteiro inicial das coisas”:

:

Aos deuses supúnhamos uma existência cintilante
Consustancial ao mar à nuvem ao arvoredo à luz
.....
Esta existência desejávamos para nós próprios homens
Por isso repetíamos os gestos rituais que restabelecem
O estar-ser-inteiro inicial das coisas
(OPIII, 155)

É sob o signo de Apolo, deus solar, do conhecimento e das artes, que se inscreve a poesia de Sophia. No entanto, a autora associa-o frequentemente ao seu oposto, Diónisos. A harmonia apolínea se opõe assim o desregramento dionisíaco, reforçando a fundamental dicotomia que caracteriza a sua obra - Divisão/Unidade, Noite/Luz, Caos/Cosmos, Ausência/ Presença, Dionisos/Apolo - dicotomia que a poetisa resolverá pela presença de Deus e de uma aliança sagrada que funde os contrários.

No curto poema “Dionysos”, a autora resume admiravelmente a excessiva energia dionisíaca:

O sabor do sol e da resina
E uma consciência múltipla e divina.
(OP I, 22)

E em “Apolo Musageta”, o deus da poesia e da luz, surge com o amanhecer do primeiro dia da criação:

Eras o primeiro dia inteiro e puro
Banhando os horizontes de louvor.
.....

Eras a medida suprema, o cânon eterno
Erguido puro, perfeito e harmonioso
No coração da vida e para além da vida
No coração dos ritmos secretos.
(OP I, 23)

Através da anáfora eufórica do reino de Apolo onde se plasma a perfeição do universo, Sophia exulta “o primeiro dia inteiro e puro” em que o mundo, sob a sua égide, foi criado. Ele é a harmonia, a “medida suprema, o cânon eterno” que se eterniza “para além da vida / No coração dos ritmos secretos”, mas apesar da claridade e da perfeição apolíneas, o espírito dionisíaco não deixa de estar presente em múltiplos poemas de Sophia, escondido sob roupagens pouco tradicionais, muitas vezes disfarçado de pavor e de ausência, o que o torna difícil de discernir diante da ofuscante presença apolínea. Confrontada com a dicotomia Diôniso/Apolo nos seus poemas, a própria autora afirma numa entrevista (Expresso, 15-7-1990):

Tive sempre a consciência de que a arte era filha de Dionísio e de Apolo. O que acontece é que tudo o que é dionisíaco na literatura é geralmente tratado de um modo confessional. Penso que toda a arte vive de discórdia e de contradição, [...] da tensão entre forças e elementos opostos. Um dia, o poeta francês Pierre Emmanuel escreveu-me a seguinte dedicatória num dos seus livros: “Para a Sophia em quem vivem a sabedoria de Orfeu e a loucura das Ménades”.

Na sua obra sobre *A Origem da Tragédia*, Nietzsche também discorre sobre esta dualidade fundamental (63):

A evolução da arte assenta o seu fundamento na dualidade do génio apolíneo e do génio dionisíaco: à semelhança do que acontece com a dualidade dos sexos, que vai gerando a vida no curso de uma luta perpétua, apenas semi-interrompida por reconciliações periódicas.

Contrariamente a Apolo que emana a sua claridade de forma exuberante e bem visível, Diôniso é a sombra vermelha e escura que preside à angústia e à ausência:

Entre as árvores escuras e caladas
O céu vermelho arde,
E nascido da secreta cor da tarde
Dionysos passa na poeira das estradas.
(OP I, 99)

Ou ainda:

À sua passagem a noite é vermelha
E a vida que temos parece
Exausta, inútil e alheia.
(OP I, 45)

Eis a noite dionisíaca e vermelha, a noite misteriosa e secreta que aterroriza a “beleza total”, “solar e frontal” de Apolo.

Para Sophia: “o espírito apolíneo aparece sempre conjugado com a força dionisíaca. E o caos, anterior a tudo, assedia o Kosmos. A claridade grega é uma claridade que reconhece a treva e a enfrenta”(NAC, 23).

O mito é assim recriado por Sophia que faz renascer o dragão do mal, a terrível serpente Píton que Apolo julgou ter morto em Delfos mas que se esqueceu de enterrar e que regressa agora, para aterrorizar os homens e destilar o seu fel, comprometendo assim “a construção possível do futuro”:

Python venceu Apolo num frontão obscuro
Quebrada foi desde seu eixo recto

Se por um lado Sophia afirma que “Apolo não enterra a serpente, ela fica a apodrecer, nunca é um caso arrumado...” (J.L., 16-3-82), por outro, não cessa de exultar na sua obra a incontestável claridade apolínea:

Ele [Apolo] é a perfeição, a ordem invulnerável e imutável que a acção não desvia nem dobra. No centro do tumulto ele é a forma clara e simples. O divino interior à natureza emergiu da natureza [...] É o emergir de um pensamento que para além do caos e da hybris busca a catharsis, a purificação.
(NAC, 80-82)

No entanto, e é aqui que reside a originalidade de Sophia, não se trata já de uma contradição mas de uma síntese, como se pode, aliás, comprovar na recriação que faz de Antinoos, com o seu “corpo assombrado / Seu nocturno meio-dia” (OP III, 112-113) - em que a síntese de contrários não pode ser mais explícita - revelando-o claramente como um misto de Apolo e de Diônisos...

Ainda a propósito desta união de contrários, dirá ainda a autora: “O apolíneo é inseparável do dionisiaco. E um bom poema conserva sempre um certo rouco, uma certa ressonância do caos onde nasceu” (J.L., 5-2-85).

“Apolo e Dionysos, tumulto e medida” (NAC, 35), são os dois lados da arte grega e da obra de Sophia, onde, para lá das cinzas de um mundo em ruínas, se ergue a presença luminosa de Apolo indicando o caminho e presidindo inexoravelmente “à imanência dos desastres”.

Sophia realiza assim, através da palavra perdida e reencontrada, a união inequívoca da perfeição apolínea e da desmesura dionisiaca, na sua luta obstinada contra o caos para chegar à claridade originária de uma unidade que se perdeu na noite dos tempos.

Esta unidade tão almejada está escondida algures nos intrincados corredores dos séculos. E eis que retorna o monstro do labirinto, transformado agora por Sophia, para simbolizar o tempo que a si próprio se devora. Ele é o terror dos “caminhos onde o tempo / Como um monstro a si próprio se devora” (OP II, 34). O dédalo sombrio de Cnossos aterroriza o homem, bloqueando o caminho para a claridade, exilando-o do mundo e de si próprio num caos de noite e de medo.

Nos poemas de Sophia, o poderoso Minotauro disfarça-se para ludibriar o homem, confunde-se com os elementos, torna-se pedra, alga, touro, polvo interminável que se desdobra pra melhor aprisionar a vítima, desmedido, aterrador, para no fim se revelar meio homem meio touro, símbolo da triste e absurda condição do homem no mundo:

Gritei para destruir o Minotauro e o palácio. Gritei para destruir a sombra azul do Minotauro. Porque ele é insaciável. Ele come dia após dia os anos da nossa vida. Bebe o sacrifício sangrento dos nossos dias. Come o sabor do nosso pão a nossa alegria do mar. Pode ser que tome a forma de um polvo como nos vasos de Knossos. Então dirá que é o abismo do mar e a multiplicidade do real. Então dirá que é duplo. Que pode tornar-se pedra com a pedra alga com a alga. Que pode dobrar-se que pode desdobrar-se. Que os seus braços rodeiam. Que é circular. Mas de súbito verás que é um homem que traz em si próprio a violência de um toiro.
(OP III, 65).

Depois de percorridos o “silêncio e a treva” e da terrível batalha com o monstro, chega-se finalmente “à luz dum dia limpo” (OP II, 123), o dia da aliança total com tudo o que existe, o dia da restituição ontológica do ser ao mundo, como no poema citado, “Epidauro”. Através do poder encantatório da poesia, a essência da palavra vence o tempo e liberta o ser aprisionado que regressa então à claridade genesíaca do tempo inicial.

No paradigmático poema “O Palácio” (OP III, 187), Sophia estabelece um paralelismo entre a enorme casa da sua infância e o palácio de Cnossos onde erra o Minotauro, palácio que simboliza o mundo tumultuoso e difícil da infância, com as suas vozes, os seus pavores e deslumbramentos. “Pintado a vermelho”, nele erra um Minotauro dionisiaco e excessivo que torna tudo caótico e incompreensível:

Era um dos palácios do Minotauro
- O da minha infância para mim o primeiro –
Tinha sido construído no século passado (e pintado a
vermelho)

.....
Ali era a fúria o clamor o não dito
Ali o confuso onde tudo rompia
Ali era o Kaos onde tudo nascia

Este palácio surge em vários poemas da obra da autora, como no poema que dedica ao “Itinerário Inelutável” de Vieira da Silva, onde ecoam os quartos “roucos e vermelhos”(OP III, 130):

Palácio é o labirinto e nele
Se multiplicam as salas e cintilam
Os quartos de Babel roucos e vermelhos

2

As imagens gritam tanto que enrouquecem e transformam-se em sangue nestes poderosos poemas do labirinto em que Sophia se autocita à exaustão. Mas é em Creta que melhor se ultrapassa o intrincado dédalo, depois de percorridos os “palácios sucessivos e roucos” onde nunca se perde “o fio de linho da palavra”:

Em Creta
Onde o Minotauro reina
Banhei-me no mar
.....
Em Creta
Inteiramente acordada atravessei o dia
E caminhei no interior dos palácios veementes e vermelhos
Palácios sucessivos e roucos
Onde se ergue o respirar de sussurrada treva
.....
Porque pertença à raça daqueles que percorrem o labirinto
Sem jamais perderem o fio de linho da palavra ³
(OP III,147)

Através da poesia e do poder elemental da palavra se chega à fusão totalizadora com o real. Pelo mistério iniciático do Verbo se restabelece a harmonia inicial, como em “O Poeta Trágico”, onde criando um poderoso paralelismo entre as palavras bíblicas da Génese e o seu eco labiríntico no começo do poema – “No princípio era o Verbo” e “No princípio era o labirinto” - Sophia opera uma verdadeira reinvenção do mito que se torna percurso iniciático de regresso às origens e à “primitiva manhã da criação”. A dicotomia andreseana regressa: a um presente fragmentado e caótico representado pelo labirinto e pelos seus “palácios sucessivos e roucos”, se opõe o deslumbramento diante da unidade antiquíssima onde se chega através do fio de Ariadne da palavra.

Sophia reinventa de igual modo o mito de Orfeu, desta feita invertendo os termos. Para a autora, ao contrário do mito clássico, é Eurídice quem procura o poeta lendário. Vejamos o “Soneto de Eurídice” (OP II, 33):

Eurydice perdida que no cheiro
E nas vozes do mar procura Orpheu
.....

² Sublinhado por nós.

³ Sublinhado por nós.

Assim bebi manhãs de nevoeiro
E deixei de estar viva e de ser eu

Em procura de um rosto que era o meu
O meu rosto secreto e verdadeiro.

Neste soneto, já não é só Eurídice que se encontra perdida, agora já não no Hades sombrio, mas numa paisagem marítima onde vagueia, em busca do seu amado e de si própria. Com efeito, como não reconhecer nesta personagem que procura o seu “rosto secreto e verdadeiro” um *alter-ego* da própria poetisa? Orfeu está morto e é Eurídice que o procura incessantemente):

O amor, aqui materializado na personagem do poeta mítico, não é mais do que a metade desaparecida de um eu fragmentado e é justamente a impossibilidade inultrapassável de reunificação do eu que conduzirá à morte inevitável: “E deixei de estar viva e de ser eu”.

Por outro lado, a procura do “rosto secreto e verdadeiro” é igualmente a reiteração andreseana do “estar-ser-inteiro-inicial das coisas”, aqui virada para dentro e não para fora, para a messiânica procura da unidade de um eu perdido e dividido dentro de si.

(Malheiro, *O Enigma de Sophia*, 179)

A mesma impossibilidade de encontro com o *eu* de que Eurídice é o símbolo, também se encontra noutro poema intitulado “Eurydice”:

A noite é o seu manto que ela arrasta
Sobre a triste poeira do meu ser
Quando escuto cantar do seu morrer
Em que o meu coração se gasta.
.....⁴

A inversão do mito cristaliza a Poesia nesta singular Eurídice em que a poetisa se revê, tal como no poema “Elegia” (MU, 41), em que a mesma dilaceração de um eu perdido funciona como o eco da mítica separação de Orfeu e de Eurídice:

Aprende
A não esperar por ti pois não te encontrarás
.....
A isso chamaste Orpheu, Eurydice –
Incessante intensa lira vibrava ao lado
Do desfiar real dos teus dias
.....

A inversão do mito prossegue em “Eurydice em Roma” (MU, 28), onde é Eurídice e não Orfeu que toma a decisão de não se virar para trás, para encarar desta vez “a voz da flauta” - e não a lira – “já separada” do seu amado:

Por entre clamor e vozes oiço atenta
A voz da flauta na penumbra fina
E ao longe sob a copa dos pinheiros
Com leves pés que nem as ervas dobram
Intensa absorta – sem se virar para trás
E já separada - Eurydice caminha.

⁴ Este poema consta da *Antologia*, (p. 60), mas curiosamente não integra a edição da *Obra Poética*.

É pois de realçar que para a autora é Eurídice a figura máxima do mito, tal como noutro poema igualmente intitulado “ Eurydice“ (OP II, 12), onde Sophia leva até ao extremo a sua identificação com a deusa, símbolo da Poesia. A eternidade é conquistada noutro poema ainda, sempre com o mesmo título, (OP III, 104), em que Sophia alcança a divina aliança com a terra de que Eurídice é portadora:

O teu rosto era mais antigo do que todos os navios
No gesto branco das tuas mãos de pedra
Ondas erguiam seu quebrar de pulso
Em ti eu celebrei minha união com a terra

Esta aliança que também é ressurgimento concretiza-se não só em Creta mas sobretudo em Delphos, lugar paradigmático onde se encontra o templo de Apolo e onde a autora situa o “centro do mundo”, como podemos ler no admirável poema “Ressurgiremos” (OP II, 109):

Ressurgiremos ainda sob os muros de Cnossos
E em Delphos centro do mundo
Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta

Ressurgiremos ali onde as palavras
São o nome das coisas
E onde são claros e vivos os contornos
Na aguda luz de Creta

Através de uma mitologia reinventada que representa o incessante regresso ao dia primordial, a poetisa reencontra o “estar-ser-inteiro inicial das coisas”, uma ontologia originária que a transporta para a inteireza do primeiro dia. A crucial dicotomia que percorre toda a sua obra irá assim conduzi-la das trevas dionisíacas do Caos à luminosidade esplendorosa de Delfos onde se ergue a claridade frontal de Apolo.

Tal como Eurídice à procura de Orfeu, a autora desenrola o fio de Ariadne da palavra através do inextricável labirinto dos séculos para chegar ao Verbo inicial, à antiquíssima “manhã da criação” em que o encantatório “nome das coisas” reestabelece a aliança perdida de que a sua poesia é o fundamento.

BIBLIOGRAFIA ACTIVA:

As obras de Sophia de Mello Breyner Andresen mais citadas são referidas pelas seguintes Abreviaturas:

- OP I Obra Poética I, Lisboa, Caminho, 2001.
- OP II Obra Poética II, Lisboa, Caminho, 1999.
- OP III Obra Poética III, Lisboa, Caminho, 1996.
- UM Musa, Lisboa, Caminho, 1994.
- NAC O Nu na Antiguidade Clássica, Lisboa, Caminho, 1992.

Antologia, Lisboa, Moraes Editores, 1970.
“Inéditos de Sophia”, Público, 10-7-2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

Bíblia Sagrada, Lisboa, Difusora Bíblica, 1986.
ELIADE, Mircea, Le Sacré et le Profane, Paris, Gallimard, 2000..
GUERREIRO, António. “Entrevista a Sophia de Mello Breyner Andresen”, Expresso, 15-7-90.
MALHEIRO, O Enigma de Sophia: da Sombra à Claridade, Lisboa, Oficina do Livro, 2008.
NIETZSCHE, Friedrich. A Origem da Tragédia, Lisboa, Lisboa Editora, 2004.
PASSOS, Maria Armada. “Entrevista”, Jornal de Letras, 16-3-1982.
PEREIRA, Miguel Serras. “Sophia : ‘Sou uma mistura de Norte e Sul’ ”, Jornal de Letras, 5-2-85.

